



1936-2018 O criador do Serviço Nacional de Saúde era um humanista que gostava das pessoas. Bateu-se até ao fim para que o Estado regressasse à ideia inicial e garanta assistência gratuita

António Arnaut

1926-2018 Livre. A palavra define Pomar, o homem e o artista, livre para inventar uma obra de incessantes mudanças, sucessivas maturidades que nunca geraram cristalização. Livre, morreu aos 92 anos

Júlio Pomar



1933-2018 A sua morte põe fim a uma grande era literária marcada igualmente por nomes como Saul Bellow e John Updike

Philip Roth

In Memoriam

1936-2018 O criador do Serviço Nacional de Saúde era um humanista que gostava das pessoas. Bateu-se até ao fim para que o Estado regressasse à ideia inicial e garanta assistência gratuita

António Arnaut



Foto ANTÓNIO PEDRO FERREIRA

Sou o mastro sem barco/
e espírito sem corpo”,
assim começa o poema
que encerrará o livro que
António Duarte Arnaut
terminou pouco antes de
partir, e que será
publicado a título
póstumo. O criador do
Serviço Nacional de Saúde

(SNS) foi advogado, ministro, deputado, maçom, presidente do PS, mas o que gostava mesmo era de escrever. Conviveu com Miguel Torga, um dos romancistas que entendia bem aquele interior do país em que Arnaut nasceu e cresceu, um mundo rural marcado pela escassez de alimentos, dinheiro e condições de vida, em que as crianças iam para a escola descalças e a vida dos remediados se confundia com a linha de pobreza que conseguia escapar da miséria mais dura.

Generoso, lutador e determinado, o filho do sapateiro de Venda das Figueiras “acreditava em utopias” — como disse Manuel Alegre ao Expresso — e publicou o primeiro livro de poemas quando tinha apenas 18 anos: “Versos da Mocidade”, editado pela Coimbra Editora, em 1954. Continuou a escrever até ao fim (14 livros de poesia, vários de contos, ensaios e intervenção), como se as palavras fossem a sua estrela guia, sem nunca almejar consagrar os versos das suas inquietudes.

O “AVANTE!” FEITO EM CASA

António Manuel, o mais velho dos seus três filhos, 58 anos, estava comovido quando nos leu os versos que o pai escrevera na fase final da doença que o levaria: “A maior herança que nos deixou foi um nome honrado.” E o orgulho de ter por pai “o homem que mais mudou a vida dos

portugueses” com a criação do SNS, como diz Manuel Alegre: “É com mudanças na vida das pessoas que se faz a democracia.”

O ex-Presidente Ramalho Eanes lembra o combate travado para fazer aprovar a “controversa” lei do SNS (lei 56/79) que entra em vigor a 15 de setembro de 1979: “O SNS é um dos pilares da sustentabilidade social da democracia”, diz Eanes ao Expresso. “Esta lei foi uma libertação para as famílias. A doença, a incapacidade e a velhice eram uma ameaça sobre a vida dos portugueses, uma responsabilidade para as famílias”, afirma. Recorde-se que até à criação do SNS — que tanta contestação mereceu por parte da Ordem dos Médicos e outros sectores da sociedade —, a assistência médica estava basicamente a cargo das famílias e dos serviços da Previdência que não abrangiam uma imensa fatia da população. “A democracia tem de contribuir para a dignidade de todos os homens e só existe se houver democracia social, cultural e económica”, diz Eanes.

Arnaut conheceu Maria Ermelinda, companheira de toda a vida, na escola primária da Cumeeira e cedo cismou que haveria de casar com ela. Na adolescência atravessou-lhe o caminho numa estrada não muito distante da zona que o fogo comeu no incêndio de junho de 2017, e pediu-lhe namoro. Sensata, a moça respondeu que era muito nova para namorar, queria fazer o curso do Magistério, e ele esperou um ano até ela lhe dar o sim. Persistência para lutar pelo que queria não lhe faltava. Namoraram oito anos e casaram a 1 de abril de 1959. António terminaria a licenciatura em Direito no verão desse ano e o filho mais velho nasceria antes de o pai ser mobilizado para Angola. A família viveu na Cumeeira até 1972, ano em que se mudaram para Coimbra, para uma casa em Santa Clara com vista sobre a cidade e o rio Mondego. António abriu escritório nessa cidade dois anos antes; até aí, tinha banca estabelecida em Penela e Ansião.

“Na Cumeeira vivíamos numa casa de aldeia, com capoeira, adega, curral do porco e casa do burro. Lembro-me que no final da década de 60 o ‘Avante!’ chegou a ser impresso na nossa casa, embora o meu pai nunca tenha sido do Partido Comunista”, conta António Manuel; mas era assim, as tipografias clandestinas que imprimiam o órgão oficial do PCP no tempo da ditadura, volta que não volta tinham de mudar de sítio, e havia dois lados da barricada: os que estavam contra a ditadura e os que não estavam.

Encontrou Manuel Alegre em plena guerra: “Cruzámo-nos na comissão de candidatura do general Humberto Delgado [1958], em Coimbra, mas foi na guerra que nos conhecemos melhor. Foi ao Arnaut que pela primeira vez ouvi falar do socialismo em liberdade, em Nambuangongo. Dormimos no mesmo quarto na altura. Ele tinha na parede uma frase do Fidel — era a época da revolução cubana — e outra do Papa João XXIII. O comandante

queria que ele tirasse a frase do Fidel de Castro da parede e ele argumentava dizendo que não podia tirar as frases e fazer essa desconsideração ao Papa.”

João XXIII marcou o pensamento de muitos católicos progressistas e morreria em junho de 1963, o ano em que Arnaut regressou da guerra, trazendo um carro de pedais vermelho como presente para o filho mais velho. Ana Paula e Manuel António nasceriam depois.

O filho mais velho jogou na seleção de juniores de rãguebi e, em 1978, veio treinar a Lisboa quando o pai era ministro dos Assuntos Sociais do II Governo Constitucional: “Pedi-lhe boleia para regressar a Coimbra e ele respondeu: ‘O carro do ministério é para o ministro, tens aqui dinheiro para o comboio’.” Fiel a si próprio, recusou o convite de Soares para dirigir uma empresa pública quando passou por apertos financeiros depois de abandonar a política ativa em 1983, por discordar do acordo feito entre o PS e o PSD para formar o IX Governo.

BATEU À MÁQUINA A FUNDAÇÃO DO PS

Redigiu e bateu à máquina a ata da fundação do PS, em abril de 1973. Foi deputado na Constituinte e na I Legislatura, e ministro dos Assuntos Sociais do II Governo Constitucional [janeiro a agosto 1978], onde se bateu que nem um leão pela criação do SNS. Apoiou Eanes nas candidaturas presidenciais de 1976 e 1981 [Soares discordou do apoio na 2ª candidatura], e Salgado Zenha na primeira volta de 1986. Foi mandatário de Jorge Sampaio, em Coimbra.

Fernando Vale iniciou-o na maçonaria e foi grão-mestre do Grande Oriente Lusitano entre 2002 e 2005. António Reis, que lhe sucedeu na função maçónica, lembra que “a tarefa de Arnaut foi cansativa, teve de lidar com questões internas da organização e não quis fazer um segundo mandato”. Era um “excelente advogado, respeitado pelos juízes”, na opinião do ex-provedor de Justiça, Alfredo José de Sousa, que se cruzou com ele quando foi juiz.

“Poeta impulsivo”, nas palavras de Alegre, “via o SNS como uma causa humanista e não um projeto ideológico”. Melhorou a vida dos portugueses, e dos mais desprotegidos em particular, porque tinha uma “vontade boa”, diz Eanes. Morreu a 21 de abril, vítima de cancro, este “homem que partiu do seu regresso” — o título do seu livro de poemas publicado em outubro último.

MANUELA GOUCHA SOARES

Expresso Semanário, nº 2378, de 26/5/18

1926-2018 Livre. A palavra define Pomar, o homem e o artista, livre para inventar uma obra de incessantes mudanças, sucessivas maturidades que nunca geraram cristalização. Livre, morreu aos 92 anos

Júlio Pomar

Foto TIAGO MIRANDA

O meu primeiro encontro com a obra de Júlio Pomar é muito fácil de situar e data de há muito tempo. Teria eu seis ou sete anos quando os meus pais me deram um livro chamado “Bichos, Bichinhos e Bicharocos”, poemas de Sidónio Muralha, capa e ilustrações de Pomar (1949). Gostei logo dele, de alguns textos e de todos os bonecos com especial carinho pelo cão igualzinho à Nai, uma espécie de ama que tive nos meus primeiros anos de vida, a primeira de uma série de amigas e amigos de quatro patas.



Mais difícil é saber qual o encontro mais recente: O Gadanheiro, esse poderoso ícone que de algum modo ultrapassa o neorrealismo por dentro anunciando uma escrita mais autónoma na pintura de Pomar, que se pode ver agora na excelente exposição do Museu do Chiado? As mais recentes exposições no seu Atelier Museu na política, sensível e inteligente, de cruzar obras e artistas de gerações bem diferentes separadas por vinte, trinta e até sessenta anos, sempre com resultados surpreendentes, sempre com a presença inquieta e viva do dono da casa? Lembro especialmente aqui a exposição do ano passado com Pedro Cabrita Reis, porque Pomar participou com obra recente, desse mesmo ano, no diálogo com o seu colega.

Essa relação especial de estímulo e cumplicidade com os colegas pintores foi nalguns momentos decisiva; não quero esquecer aqui quão importante Pomar foi para o “renascer” do gosto de pintar de um artista mais velho, o António Dacosta, companheiro parisiense que Pomar estimulou com amizade, admiração e também com escritos notáveis de entendimento e lucidez.

A sua obra revela um trabalho incessante entre a década de 40 do século XX e a segunda década do XXI em que vivemos. Pomar apareceu muito novo, o Almada comprou-lhe um quadro em 1942, quando Pomar tinha 16 anos e andava na

António Arroio. A encomenda do fresco para o cinema Batalha do Porto foi em 1946. Diogo de Macedo adquiriu-lhe uma pintura para o Museu de Arte Contemporânea suponho que em 1949. A esse reconhecimento dos seus pares mais velhos e de olho certo junta-se outro bem mais perigoso, o da polícia política que o prende em 47 e, no mesmo ano, lhe apreende obras na 2ª Exposição Geral de Artes Plásticas um salão na Sociedade Nacional de Belas Artes onde confluíam artistas cujo principal traço comum era a oposição à ditadura.



foto AUTORETRATO DO PINTOR NA CAPA DO ATUAL

Singularmente a perseguição política vai ser um estímulo para o artista, um estímulo ético e existencial sem dúvida, pois, ao vetar-lhe o ensino que era o tipo de carreira habitual e possível para os artistas da sua geração, vai estar na base de uma poderosa luta pela independência e pela sobrevivência como artista plástico. Assim, Pomar foi ilustrador, ceramista e gravador num percurso em que a sobrevivência e a construção de uma obra andavam a par, num duplo combate que amplamente venceu em ambos os terrenos: o da arte e o de uma vida independente e livre.

Livre! Esta é uma boa palavra para definir o homem e o artista, livre para inventar uma obra de incessantes mudanças, onde é difícil encontrar um estágio de maturidade, ou então muitas e sucessivas maturidades que, no entanto, nunca corresponderam nem geraram qualquer cristalização, ensimesmamento ou autoacademismo, num mundo e numa obra “composta de mudança tomando sempre novas qualidades”.

“Faz figura se és capaz!” Estas palavras de um colega pintor que desde sempre o admirou, Rogério Ribeiro, funcionam como um desafio e uma boa aproximação à constante figurativa na sua obra plástica, onde homens e bichos, retratos e invenções, lendas e mitos, histórias e história, se sucedem, num turbilhão onde sempre há, mais patente ou mais oculta, a necessidade e a presença da figura; onde a pintura, o desenho, o traço, a escrita, a coisa encontrada, tomando figura ganham uma aparente legibilidade. Foi com as figuras que traçou e mais as que escreveu, em muitas páginas límpidas de uma escrita que urge ler ou reler, que Pomar fez figura, e foi capaz e... é capaz agora e sempre, para proveito e prazer meu e de muita gente mais.

JOSÉ LUÍS PORFÍRIO

Expresso Semanário, nº 2378, de 26/5/18

1933-2018 A sua morte põe fim a uma grande era literária marcada igualmente por nomes como Saul Bellow e John Updike

Philip Roth

Foto ERIC THAYEN/REUTERS

Há autores que têm o seu paraíso, ao qual voltam com frequência naquilo que escrevem. Philip Roth voltava a Weequahic, o bairro quase exclusivamente judeu de Newark (Nova Jérсия) onde cresceu. Um lugar de trabalho, frugalidade e sobretudo de segurança, onde emigrantes



européus podiam manter a sua comunidade mais ou menos intacta e onde uma criança como Roth tinha à frente dos olhos uma introdução completa à natureza humana. Quase tudo nele vem de lá, a começar pela intensa verbalidade intrinsecamente judia. O fôlego de muitas das suas frases, ao mesmo tempo longas, claras e concretas, de elevada inteligência, mas acessíveis a qualquer leitor, dificilmente se imaginaria de outra forma. Conforme Roth explicou a propósito da desgraça que acontece ao seu *alter ego* Nathan Zuckerman no romance “A Lição de Anatomia”, “para um judeu, um queixo partido é uma tragédia. Foi para o evitar que muitos de nós nos dedicávamos ao ensino e não ao boxe”. Explicando o que torna judeu aquele livro, Roth refere “o nervosismo, a excitabilidade, as discussões, a dramatização, as obsessões. Acima de tudo, o falar. O falar e o gritar. Não é aquilo sobre que se fala que torna o livro judeu. É que o livro não se ‘cala’”.

Apesar da sua insistência em temas e personagens judeus, Roth sempre insistiu que era um escritor americano. E de facto, não há qualquer contradição. Ninguém considera um judeu, um negro ou um Wasp menos americanos por serem um judeu, um negro ou um Wasp. Roth estava à vontade para explorar obsessões e paranoias americanas, como fez nos romances “A Mancha Humana” e “A Conspiração contra a América”. Neste romance, o lendário aviador Charles Lindbergh é eleito Presidente dos EUA e concretiza o velho pesadelo do fascismo na América. Em “A Mancha Humana”, um professor universitário usa inadvertidamente uma expressão que lhe vale ser acusado de racismo e lhe destrói a carreira.

Ambos esses livros têm ecos notórios da, e na vida real. Episódios de caça às bruxas por causa de coisas que alguém disse, muitas vezes sem se aperceber, continuam

hoje a aparecer na imprensa. Quanto a Presidentes ditadores, a eleição de Trump pôs outra vez muita gente a falar da “Mancha Humana”. Roth, porém, fez questão de marcar a diferença. Numa entrevista dada a “The New York Times” já deste ano e que o Expresso publicou, distinguiu Lindbergh, que fora um verdadeiro herói, “um dos primeiros expoentes da era da aviação”, e Trump, a “ridícula figura da *commedia dell’arte* de um bufão gabarolas”, “uma fraude maciça, a soma maligna das suas deficiências, destituído de tudo exceto a ideologia oca de um megalomaniaco”.

A verbalidade permanecia intacta, apenas com menos energia, mesmo após Roth deixar de escrever. Tinha feito o anúncio oficial só em 2012, três anos depois de parar efetivamente — conforme explicou, para não ser como Frank Sinatra, que estava sempre a anunciar a retirada e depois voltava. O anúncio de 2012 foi definitivo. Roth já não tinha, disse, “a condição física necessária para montar e sustentar um ataque criativo de qualquer duração a uma estrutura física tão exigente como a de um romance”. Mas com as suas mais de trinta obras, entre romances, livros de contos e recolhas de ensaios, tinha ganhado praticamente todos os prémios que podia ganhar, desde o National Book Award — duas vezes, a primeira com o seu primeiro livro — até ao Pulitzer, o Man Booker, entre outros. Só lhe faltou o Nobel, o que poderá ter a ver com a resistência sueca ao que era visto como a sua misoginia visceral. Como se isso não fosse também, transparentemente, vulnerabilidade.

Do delírio verbal e sexual de “O Complexo de Portnoy” (1969) aos romances da terceira grande fase (“O Teatro de Sabbath”, “Pastoral Americana”, etc.) e às últimas obras elegíacas, passando pela dezena de romances com Zuckerman, há muito para visitar ou conhecer em Roth. Sem esquecer uma característica notória, e relativamente rara em escritores, que foi agora lembrada por colegas: o sentido de humor. Roth gostava de piadas, incluindo as más. Se calhar era uma forma de se livrar delas, deixando o melhor do seu espírito para os romances, cujos textos perseguia até ao fim, emendando e reemendando até atingirem a precisão fluida que os caracteriza.

Para esse homem que era declaradamente antirreligioso, a salvação, se existisse, não viria daí. Na velhice, com uma longa carreira de autor e de professor universitário e com a memória de dois casamentos terminados em separação, passava longas temporadas em solidão na sua propriedade no Connecticut, junto à natureza, até se retirar de vez para o Upper West Side (Nova Iorque), feliz e surpreendido com cada dia em que ainda acordava. Morreu de insuficiência cardíaca, aos 85 anos, em Manhattan.

LUÍS M. FARIA

Expresso Semanário, nº 2378, de 26/5/18

Para ler na **Folha Dominical**, nº 1730, de 2/10/11 – A TERNURA NO MASCULINO. Philip Roth, *Património. Uma história verdadeira*, pp 154-158.